



Jackson Pollock

Por Valmir Perez

Quando a pintura vira jazz

EM 31 DE MARÇO DE 1964, OS MILITARES BRASILEIROS, apoiados pelo governo americano e pelos setores conservadores da sociedade, iniciam o processo de tomada do poder do Estado, que culmina no golpe de 1º de abril. A partir de 13 de dezembro de 1968, inicia-se o que os historiadores denominam de “anos de chumbo” da ditadura brasileira, que vai até o final do governo Médici, em 1974.

Nem é preciso relembra aqui os pormenores desse triste episódio da história de nosso País e que teve o seu apogeu na aprovação do “Ato Institucional Número Cinco”, o famoso AI5⁽¹⁾. Este, juntamente com uma série de decretos anteriores,

sobrepos-se à Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967 e às constituições estaduais, suspendeu as garantias e direitos dos cidadãos brasileiros, fortalecendo os poderes extraordinários do presidente e do regime forçadamente instaurado.

Mas a história não começa aí. Ela é apenas uma ramificação de outro movimento tão ou mais violento, originário nas plagas da América do Norte: o Macartismo⁽²⁾, que surge imediatamente ao término da Segunda Guerra Mundial, nos primórdios da Guerra Fria⁽³⁾. Essa ideologia criaria mecanismos avançados de instauração de ditaduras em países de democracia frágil, como o Brasil.

Em seu discurso de base, inventa e promove o terror aos comunistas e ao comunismo. A perseguição aos intelectuais, servidores públicos e artistas se torna comum. Todos aqueles que, de alguma maneira, opunham-se aos ideais da política dominante eram sistematicamente denunciados, perseguidos e muitas vezes torturados e mortos.

A “Caça às bruxas”, como também ficou conhecido o Macartismo, não poupou esforços para desacreditar e humilhar pessoas dignas, tal o caso do ator e comediante Charlie Chaplin, que se opunha veementemente a qualquer tipo de incentivo e preparação à guerra.

Se procurarmos compreender profundamente esse episódio histórico, entenderemos que, por trás desse “véu de Isis”, insuspeitadamente, havia grandes interesses, principalmente de banqueiros, de grandes corporações e da indústria bélica, que ficaram extremamente fortalecidos dentro dos EUA, após a vitória aliada na Europa e Ásia.

O inimigo invisível

A Guerra Fria, como sustentam alguns historiadores, não foi, simplesmente, a luta entre os eixos de poder do ocidente e

do oriente, mas a fabricação, a sintetização do medo na população, o que garantia a retirada sistemática dos direitos civis e da governança facilitada pela tensão e a atenção ao inimigo invisível. Essa estratégia foi colocada em prática pelos dois blocos mais poderosos e é ainda um mecanismo muito funcional de dominação das massas. Esse conceito ainda continua atualíssimo, só que agora o inimigo invisível é chamado de terrorista.

Ao verificarmos os mecanismos que compõem esse método de dominação e sustentação de regimes autoritários, sejam eles de fachada democrática ou não, chegamos à conclusão de que uma das formas mais inteligentes de levar as pessoas a acreditar e apoiar determinadas escolhas políticas é transformá-las em meros espectadores e não partícipes dos acontecimentos. Nesse jogo de forças, o consumismo tem papel principal na alienação social, levando os cidadãos ao embrutecimento espiritual, à busca de sensações e sentidos artificiais que supram psicologicamente os interesses dos que estão no poder.

Isso possibilita que as pessoas sejam direcionadas ao domínio do corriqueiro, da exteriorização dos sentidos em detrimento da interiorização, que promove o autoconhecimento e a libertação da criatividade.

